

#### 4.

### **“Um longo e paciente processo”: aspectos metodológicos**

“Talvez uma pesquisa seja um longo e paciente processo de aprender a olhar/enxergar, ouvir/escutar, interagir/dialogar com o campo (ou mundo) suscitado pelo tema que você escolheu”  
Karina Kuschnir, em ‘Dez lições da vida acadêmica’, post publicado em seu blog *desenhos textos coisas*<sup>1</sup>

Este é o capítulo no qual apresento metodologicamente a pesquisa. Faz parte de seu escopo considerações sobre o meu fazer empírico, bem como uma apresentação dos participantes e das cenas de pesquisa que protagonizamos. Além disso, enlaçando-o ao momento seguinte, discorro sobre a organização que sigo para realizar os movimentos analíticos no capítulo posterior.

Ao longo do texto, ficam evidentes algumas das mudanças de perspectiva analítica e temática que foram surgindo no processo da pesquisa. Entendo como etapas presumidas em todo fazer epistemológico as alterações de foco e recorte, aqui vistas não como complicadoras do processo, mas como circunstâncias inevitáveis da prática da pesquisa. Não fosse esse o meu entendimento, não teria escolhido como epígrafe do capítulo o fragmento de um texto que ressalta a pesquisa como um processo de aprendizagem. Desse modo, estão aqui explicitadas algumas das fases de construção dessa aprendizagem que, conforme indicou a citação, exigiu paciência. Porque não me faltou o ânimo, vamos à pesquisa.

#### 4.1

### **“A pesquisa qualitativa que aqui proponho”: a identificação do fazer investigativo**

A pesquisa qualitativa que aqui proponho está enquadrada no paradigma interpretativista, uma vez que entendo que não observo o mundo

---

<sup>1</sup> O texto completo, publicado em 13 de março de 2014, encontra-se em <https://karinakuschnir.wordpress.com/2014/03/13/dez-licoes-da-vida-academica/> (Acesso em: 04 mai 2016)

independentemente de minhas práticas sociais e dos significados identitários que empreendo. Seguindo o caminho proposto por Denzin e Lincoln, entendo que:

a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (2006, p.17)

Algumas considerações são necessárias a respeito da citação anterior. Apesar de sentir-me contemplado pelo perfil de pesquisador traçado pela definição, ressalvo, em parte, dois aspectos apresentados pelos autores. O primeiro deles é o entendimento de que as práticas do processo da pesquisa transformam o mundo observado em representações. O termo *representação*, se utilizado sem reservas, pode afiliar um pesquisador a um paradigma interpretativo que lide com a linguagem a partir de um referencial realista. Pensar em representações na prática da pesquisa pode nos levar a entender que a linguagem tem como função representar sentidos armazenados em algum outro lugar que não nela mesma. Uma vez que meu entendimento é o de que a linguagem não representa, mas constrói semânticas, lido com a pesquisa como um arcabouço discursivo que produz sentidos. Encaminho meu trabalho seguindo a indicação de Fabrício, segundo quem “o estudo do objeto produz o objeto” (2008, p. 56). Retificando então a formulação dos autores de tal forma que me sinta mais à vontade com a metalinguagem proposta, diria que, em meu trabalho, ao valer-me de instrumentos como entrevistas e diários de pesquisa, estou, pela linguagem, já imerso na produção dos sujeitos em questão. Em outras palavras, reafirmo que, neste trabalho, o meu olhar sobre os participantes está sempre em jogo, de tal maneira que, em nenhum momento, a partir do meu texto e das minhas ferramentas de trabalho, tenho acesso a “quem são eles de verdade”. O uso das aspas é intencional, já que “quem são eles de verdade” em nada se aproxima dos meus pressupostos e propósitos investigativos.

Outro ponto a ser mencionado sobre a citação é o entendimento da ideia de abordagem naturalista. Tal questão será problematizada mais adiante, ainda neste capítulo, quando apresentarei os meus referenciais teóricos para a compreensão da entrevista, meu instrumento de geração de dados por excelência, como um “cenário natural” de interação.

Feitos os comentários, reitero minha postura de pesquisador que não opera em nome da objetividade e/ou neutralidade. De outra maneira, ressalto o valor intersubjetivo da produção epistêmica que desejo empreender, conforme já explicitado na Introdução da tese.

## 4.2

### “Um pouco mais de três horas de gravação divididas em três entrevistas”: recortes e encaminhamentos

Minha chegada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, em 2012, iniciou-se no ano anterior, quando apresentei como pré-projeto de tese à Profa. Dra. Liliana Cabral Bastos o trabalho **Sexualidades em discussão: uma análise de narrativas em práticas de letramento queer**. A proposta possuía uma relação direta com o meu espaço de trabalho naquele momento, o campus de uma instituição pública federal de ensino localizado em um município da região serrana do estado do Rio de Janeiro<sup>2</sup>. Trabalhei nesse contexto, desde sua inauguração em 2008, durante seis anos, atuando majoritariamente como docente de Português e Espanhol em turmas de ensino superior de um curso de Turismo. Eventualmente trabalhava com algumas disciplinas fora do eixo evidentemente linguístico, entre elas uma cadeira eletiva criada por mim: **Turismo e Diversidade**<sup>3</sup>. Essa foi uma das iniciativas que tomei no campus para levar mais explicitamente à comunidade interna e externa da

<sup>2</sup> Esse campus faz parte de uma rede de campi de uma instituição de grande porte no contexto do estado do Rio de Janeiro, que atua nos níveis médio, técnico e superior (graduação e pós-graduação lato e stricto sensu) de ensino. Em 2008, esta instituição iniciou um plano de expansão, adentrando pelo estado do Rio de Janeiro. Antes desse ano, havia apenas três campi, localizados na região metropolitana; hoje, contam-se oito.

<sup>3</sup> Fiz referência a essa disciplina na seção de Introdução. Ali estão apresentados os propósitos e encaminhamentos da disciplina.

instituição as discussões relacionadas às questões identitárias voltadas para as problemáticas de gênero e sexualidade. No pré-projeto de tese, o objetivo central da proposta era o de analisar os posicionamentos<sup>4</sup> empreendidos por meus alunos em narrativas que coproduzíamos no âmbito da disciplina mencionada.

Como era de se esperar, durante o curso das disciplinas do currículo de doutorado, as ideias foram tomando outros contornos. Paralelamente, a minha observação do campo onde se gerariam os dados foi mostrando outras possibilidades e interesses de pesquisa. Dei corpo a essas mudanças no segundo semestre de 2013, quando entreguei aquele que seria o projeto da tese. De título **Complicar e Desestabilizar: um estudo sobre sentidos de gênero, sexualidade e raça em narrativas de discentes do ensino superior**, a proposta passou a ser, então, analisar narrativas coconstruídas por mim e por outros participantes ativos daquela instituição, agora em contexto de entrevista. Tratava, naquele momento, especificamente de dois alunos do curso de graduação em Turismo que, segundo meu olhar empírico, desestabilizavam e desnortavam sentidos identitários de gênero, raça e sexualidade previstos naquele espaço. A escolha dos participantes se deu a partir de minhas observações diárias das performances dos alunos. Aproximar-me de alunos, ao invés de professores ou outros sujeitos, foi uma escolha baseada também numa percepção empírica, posteriormente transformada. Entendia que era dos alunos que partiam, mais recorrentemente, performances subversivas e complicadoras das identidades. Guiado por esse olhar, uma aluna e um aluno me chamaram a atenção: Ana e Rafael.

Ana é uma jovem negra. Início sua descrição por sua performance de raça por ser esta a que está em constante diálogo com suas identidades de gênero. Ana, que no momento da entrevista tinha vinte e quatro anos, é uma mulher negra que, com frequência, durante os anos em que compareceu diariamente à instituição<sup>5</sup>, transgrediu os sentidos de feminilidade e negritude previstos ali. A cidade em que a instituição se localiza tem sua história marcada pelos movimentos migratórios, sobretudo os de imigração de povos europeus. Ainda que seja – como

---

<sup>4</sup> No pré-projeto, propunha seguir a Teoria dos Posicionamentos, seguindo proposta por Bronwyn Davies e Rom Harré, aporte teórico substituído por outros posteriormente.

<sup>5</sup> Atualmente, Ana está em fase de finalização de sua Trabalho de Conclusão de Curso, etapa da formação que não exige sua presença diária no campus.

contemporaneamente tudo o é – uma sociedade de grande diversidade de histórias, de vidas, de estéticas e de corpos, um ideal branco e europeu (frequentemente de olhos claros e cabelos louros e lisos) instalou-se no imaginário da cidade. Soma-se a isso sua configuração climática: por situar-se na região serrana do estado, a cidade apresenta invernos intensos e verões com temperaturas amenas. O município e, por continuidade, a instituição respiram esse imaginário. A corporalidade de Ana, nesse contexto, é não-esperada. Outro dado importante é o fato de Ana não ser natural da cidade. Entre outros discursos que se veiculam sobre a localidade, há o de que seus habitantes nativos não recebem bem os que chegam de fora.

Contudo, Ana apresentou-se na instituição como uma voz de liderança e protagonismo. Sua participação foi constantemente solicitada quando houve a necessidade de se organizar eventos ou reunir alunos para contestações políticas<sup>6</sup>. Entraram em jogo, nos episódios protagonizados por esta aluna, questionamentos sobre suas performances, em especial sobre sua “atitude”<sup>7</sup>. Sua feminilidade transgressiva, sua negritude autovalorizada e sua “estrangeirice” não pareceram mitigar sua atuação política na instituição. Ao contrário, tais performances, em diálogo, potencializaram as transgressões constantes de Ana no contexto em questão.

Em parceria com Ana, Rafael, um rapaz de vinte e três anos, também participou ativamente das atividades do campus. Rafael, assim como Ana, é um jovem vindo de outra localidade, uma cidade da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Sua chegada à instituição se deu em 2010, quando se intensificou a chegada de alunos de outras localidades, favorecida pela atual política nacional de acesso ao ensino superior. Fui seu professor do primeiro ao quinto período do curso de graduação. Desde os primeiros dias de aula, notei em Rafael algumas estilizações que o afastavam do imaginário de masculinidade constante na instituição. Rafael, um jovem branco, pelas conversas que empreende, pelas roupas que veste e pelas experiências profissionais anteriores à sua chegada ao

---

<sup>6</sup> Refiro-me aqui à organização da representação estudantil da instituição, bem como às festas de recepção de novos alunos, os chamados “troles”.

<sup>7</sup> Estou aqui aludindo à expressão de uso popular “pessoa de atitude”.

campus por ele relatadas – ele possui uma carreira interrompida como bailarino –, constrói ali sua masculinidade de maneira não-hegemônica.

Assim como Ana, Rafael não corresponde ao que dele espera o senso comum silenciador das diferenças. Juntamente com Ana em algumas ocasiões e, com outros alunos em outras, Rafael liderou o coletivo discente em viagens técnicas, na organização de eventos e nas atividades de representação estudantil.

O convite para participação no trabalho foi feito primeiramente à Ana. Durante um intervalo entre aulas, contei-lhe brevemente sobre o encaminhamento da pesquisa e perguntei-lhe se gostaria de participar como participante entrevistada. O aceite foi imediato. A primeira entrevista foi gravada, no dia 24 de setembro de 2013. Como queria manter o anonimato da participante, sugeri que escolhêssemos um local fora dos limites do campus. Combinamos então que nos encontraríamos na praça de alimentação de um shopping da cidade no período da manhã, quando o local costuma estar vazio e silencioso<sup>8</sup>. A entrevista durou aproximadamente sessenta minutos, durante os quais Ana me contou histórias sobre sua infância, sobre como a questão da negritude é relevante para a sua família e sobre sua relação maternal com sua irmã mais velha, personagem bastante presente em todas as suas narrativas. Não chegamos a falar muito sobre nossa instituição. Preferi deixar isso para um próximo encontro que, como relato a seguir, não aconteceu.

Após a entrevista com Ana, distanciei-me um pouco dos dados e entrei num processo de reflexão intenso a respeito do lugar político do meu trabalho. Ao mesmo tempo que me interessavam muito os sentidos desestabilizadores performados por Ana, presentes também nas narrativas contadas por ela na entrevista, vi-me incomodado com uma questão de duas pontas. Preciso dizer, antes de debater a questão que, contraditoriamente ao que apresentei teoricamente no terceiro capítulo deste texto, o problema que se colocou tem um fundo essencialista. Assumo essa contradição e a exponho aqui numa tentativa de problematizá-la. A questão era: eu sou um homem branco que lidaria intelectualmente com sentidos de negritude feminina; além disso, comecei a pensar que, ao tratar de uma performance que não incluía a homossexualidade em

---

<sup>8</sup> Este shopping tornou-se, sem que isso fosse uma previsão, o local de gravação de todas as entrevistas.

suas práticas, estaria me distanciando da temática geradora da minha vontade de iniciar o curso de doutorado, a homossexualidade. Em síntese, a crise que se instalou foi de fundo essencialista, e o que moveu todo esse incômodo era a minha autoridade para falar sobre Ana e, ao mesmo tempo, a minha autoridade para falar de Rafael. De alguma forma, incomodava-me a ideia de um afastamento da interpretação de performances de homossexualidade, e tal incômodo remetia-se ao potencial político que eu gostaria que o trabalho tivesse. Era evidente para mim que trabalhar com as performances de Ana também faria do trabalho uma empreitada política importante. Todavia, um sentimento de des/pertencimento identitário abalou certezas que haviam sido construídas antes da gravação dessa primeira entrevista.

Movido por isso, resolvi então que precisava gravar uma primeira entrevista com Rafael<sup>9</sup>. Seguindo os mesmos critérios da entrevista com Ana, nos encontramos no mesmo local em que a primeira gravação fora feita para uma conversa de aproximadamente noventa minutos de duração. A entrevista com Rafael aconteceu na tarde do dia 23 de março de 2014. Nesse momento, ainda assistindo a aulas para compor os créditos obrigatórios do curso de doutorado, integrei o corpo discente da cadeira **Introdução à Análise do Discurso**, ministrada pela Profa. Dra. Liana Biar. Como trabalho final, desenvolvi uma primeira análise de momentos da entrevista com Rafael. Resolvi colocar-me à prova e apresentar publicamente os resultados dessa primeira análise em dois contextos distintos: em uma reunião do grupo de pesquisa **NAVIS/PUC-Rio** e em uma sessão de comunicação do **I Congresso Internacional de Estudos do Discurso** realizado na Universidade de São Paulo. Essas experiências me mostraram – e não tenho, neste capítulo, argumentos seguros para dizer o porquê – que realmente me sentiria mais à vontade e mais satisfeito focalizando performances de homossexualidade<sup>10</sup>. Desse modo, entrei em contato com duas

---

<sup>9</sup> O convite e a aceitação de Rafael e dos demais participantes da pesquisa serão comentados no capítulo seguinte.

<sup>10</sup> Esse incômodo não cessou. Até hoje, em vários momentos cotidianos e profissionais, ele se instala. Ainda que partilhe da opinião de que a ideia de “voz de autoridade” seja limitadora de ações intelectuais e políticas eficazes para o estabelecimento de relações mais democráticas e sensíveis à diversidade – grande motivação desse estudo – um tipo de essencialismo se coloca quando preciso tematizar performances outras que não sejam a da homossexualidade masculina (branca). É uma questão, e ela não está resolvida. Espero, em algum momento (esta tese é uma tentativa, como se verá), entender essa problemática de outra maneira que não seja a simples

outras pessoas atuantes no campus que pudessem, nesse novo formato, participar da pesquisa como entrevistados. Foi assim que cheguei a Hélio e a Gabriel.

Hélio, diferentemente de Ana, Rafael e Gabriel, é professor na instituição. Sua chegada ao campus se deu em janeiro de 2012, após ser aprovado no concurso público para uma área específica da carreira de Turismo. Suas performances de sexualidade são visivelmente divergentes em relação às matrizes heteronormativas. Hélio, um homem de trinta e sete anos, se reconhece como um sujeito gay e faz questão, continuamente, de tematizar essa sua performance em situações cotidianas e profissionais. Hélio é graduado em Turismo e Hotelaria e atualmente cursa mestrado na área de gestão de negócios em uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro. Na instituição, além de docente, Hélio já exerceu a função de coordenador do curso de Turismo. A gravação da entrevista com este participante, que durou em torno de uma hora, aconteceu na manhã do dia 19 de junho de 2014.

Gabriel foi o último participante a se aproximar da tese. Há alguns semestres afastado do curso por motivos pessoais, foi meu aluno entre os anos de 2008 e 2011. Em 2013, quando iniciei a etapa de geração de dados, Gabriel estava com sua matrícula trancada, motivo pelo qual, eu imagino, tardei em perceber nele um participante potente para o trabalho. Em abril de 2015, quase um ano após a entrevista com Hélio, entrei em contato com ele, por telefone, para saber de seu interesse em participar da pesquisa. Gabriel prontamente se mostrou disposto a colaborar com as entrevistas. O encontro foi realizado no dia 09 de maio no mesmo shopping, e nossa conversa teve aproximadamente quarenta minutos de duração.

Gabriel, um rapaz de trinta anos, é um jovem procedente do estado de São Paulo. Assim como eu, inaugurou o campus em 2008. Sua turma foi a primeira de ingressos no curso de Turismo. Nosso primeiro contato ocorreu no âmbito de uma disciplina chamada **Expressão Oral e Escrita em Língua Portuguesa**. Como o tipo de trabalho que realizo inclui necessariamente discussões e debates sobre questões que envolvem a relação discurso – identidade (discussões em torno da ideia de preconceito linguístico, construção de identidades via discurso etc.),

---

repetição de um clichê: *pra falar de bicha tem que ser bicha; pra falar de preto tem que ser preto; pra falar de sapatão tem que ser sapatão*, e por aí vai.



Gabriel, timidamente, foi se apresentando à turma como um rapaz cujas performances de sexualidade destoavam da heterossexualidade hegemônica. Em comentários e exposições de opiniões sobre preconceitos sociais, Gabriel, ao longo dos anos e em outras disciplinas, foi se mostrando um rapaz que performava uma masculinidade não-normativa. Em alguns momentos inclusive – principalmente em dias com frequência pequena de alunos, quando as aulas se aproximavam de um enquadre de conversa – sua construção de masculinidade desviante da norma foi explícita, e Gabriel utilizou a palavra *gay* para referir-se a si próprio.

Há um elemento na constituição de Gabriel que precisa ser apresentado aqui. Gabriel é um jovem negro. Ao convidá-lo para a participação na pesquisa, as questões que se apresentaram em minha relação com Ana, é claro, reapareceram. Resolvi enfrentá-las juntamente com Gabriel. O fato de estarmos “entre iguais” – expressão já problematizada anteriormente – me tranquiliza um pouco mais e me deixa mais à vontade para traçar caminhos analíticos a partir de suas performances. Incômodos de fundo essencialista apareceram, conforme se verá. Decidi que esta tese é uma tentativa de reinterpretar tais incômodos e superar sentidos recalcitrantes ainda presentes em meus repertórios ideológicos.

Gravadas as entrevistas, meu corpus estava completo: um pouco mais de três horas de gravação divididas em três entrevistas. O processo de análise propriamente dito, após os primeiros experimentos feitos com a entrevista de Rafael, iniciou-se alguns meses antes da qualificação de tese, realizada no dia 06 de julho de 2015. Desde os primeiros processos analíticos até o dia da apresentação do texto de qualificação, não avancei muito na organização do texto escrito de análise. No entanto, já tinha as entrevistas transcritas grosseiramente, bem como um primeiro mapeamento dos momentos que me interessavam para um olhar posterior mais atento. Foi nesse exercício de mapeamento que surgiu o recorte principal do trabalho: uma tese sobre negociações com o dispositivo do armário. Não somente porque durante as entrevistas falou-se majoritariamente sobre histórias relacionadas às “revelações” dos participantes, mas também porque, conforme tenho tentado mostrar ao longo do texto, a própria tese é também mais uma das minhas narrativas pessoais de saída do armário, entendi

que em meu doutoramento observaria essas histórias e seu processo de construção.

Antes de passar ao item seguinte, é necessário dizer que, após a decisão tomada sobre a participação de Ana, entrei em contato com ela para comunicar e explicar minha decisão. O contato foi por e-mail:

*Ana Querida!!! Tudo certinho? Como vão as coisas?  
Querida, escrevo para falar de como andam as coisas da tese. (...)  
Ana, queria te dizer como ficou nossa entrevista dentro da tese (faz parte daquilo que quis construir com os meus entrevistados esse feedback sobre o que fiz com as entrevistas que gravei). Você foi a minha primeira entrevistada. Depois da gravação, fiquei algum tempo envolvido com algumas outras coisas e, só depois de um mês, ouvi nossa conversa. A pedido de uma professora, ensaiei uma pequena análise sobre um trecho em que você falava sobre sua relação com sua irmã (você lembra que falou um montão sobre ela?). Após a sua entrevista, conversei com outro aluno lá do (nome da instituição). Essa segunda entrevista me fez pensar bastante em você e em como seguiria com as análises da nossa conversa. Eu quero, quando você puder, conversar com você com calma sobre os aspectos que me fizeram pensar bastante sobre minha entrevista com você. Eles não são exatamente sobre você, mas sobre como tenho lidado com questões identitárias que são muito presentes em seu discurso, a saber: a feminilidade e a negritude. Diante de um “pequeno grande” conflito que se instalou, tomei uma decisão: não seguiria com as análises da sua entrevista. Outra decisão que veio em seguida foi: preciso escrever sobre esse conflito. E foi isso que fiz. Em duas ou três páginas de um determinado capítulo, abordo as coisas em que pensei e o porquê de não ter seguido adiante com as análises.  
A tese tem se construído a partir de três entrevistas com três pessoas lá da nossa instituição (não cito os nomes por questões éticas importantes). Contudo, conforme deixei lá registrado, mesmo não analisando sua entrevista, considero que você seja uma participante do meu trabalho. Afinal, foi a partir da conversa que tivemos que criei espaço para refletir e compartilhar sobre determinadas questões. Lá você se chama Ana, e Ana é uma personagem muito importante na história que estou contando! ;-)  
Quando o trabalho estiver pronto, vou enviá-lo para você sinalizando as páginas em que discuto essas minhas/nossas questões. Espero um dia marcar um cafezinho para conversar com você sobre isso. (...)  
Deixo um bjinho com muita saudade!  
Até,  
Leandro.*

No dia seguinte, Ana me responde:

*Olá, queridíssimo professor!!*

*(...) Já havia me esquecido dessa entrevista rs, faz muito tempo. Fico feliz de fazer parte, de alguma forma, da construção desse que eu sei que será um belo e maravilhoso trabalho (...). Espero ler em breve sobre a Ana. Não lembrava de ter falado tanto da minha irmã assim, mas talvez por uma questão quase que “maternal” que havia na minha relação com ela na época, provavelmente, devo ter falado como uma mãe “reclamona” rss.. Mas fiquei curiosa em saber o que o levou a um conflito.guardo um encontro para conversarmos sobre. Grande abraço e até breve, Ana.*

O encontro para o café ainda não ocorreu. Esse é um dos passos futuros previstos.

#### 4.3

#### **“Entrevistas abertas com algumas poucas perguntas prontas”: o trabalho com entrevistas**

Os dados da presente pesquisa, conforme já dito, foram gerados em contexto de entrevista<sup>11</sup>. Fiel às perspectivas teórico-metodológicas que orientam o trabalho do grupo de pesquisadores do qual faço parte, o **NAVIS/PUC-Rio – Narrativa e Interação Social**, algumas considerações mais detalhadas a respeito do conceito, da preparação e da efetivação de entrevistas de pesquisa são necessárias.

Partindo da crítica aos modelos de trabalho que deslocam a entrevista dos processos interacionais cotidianos, que não a compreendem como “uma forma de discurso” (Mishler, [1986] 1999, p. 136), a perspectiva que sigo é aquela que entende a entrevista como um contexto de coconstrução de sentidos, “um evento social, em que o discurso é cooperativamente construído” (Bastos e Santos, 2013, p. 10). Distanciando-me de orientações que movem sentidos mais realistas e mais emocionalistas – um tipo de entrevista em que “os entrevistadores encorajam, frequentemente, o envolvimento emocional dos participantes” (Rollemberg, 2013, p. 38) –, estou interessado, seguindo autores como Mishler ([1986] 1999), De Finna e Perrino (2011) e Bastos e Santos (2013), em pensar a entrevista como

<sup>11</sup> Aos participantes foi enviado, via e-mail, com alguma antecedência aos dias de gravação das entrevistas, um **Termo de Consentimento** que elucidou questões práticas e éticas envolvidas no trabalho. Uma cópia não preenchida do documento encontra-se na seção de anexos.

contexto de interação no qual os participantes estão em constante negociação de sentidos, assim como o fazem nas demais situações de fala, constantemente vistas, por outras tradições, como mais espontâneas e naturais. Sobre esse ponto, entendo que a entrevista não é menos espontânea que uma conversa de bar ou que uma reunião de negócio, por exemplo; ela apenas segue outros padrões de organização e desenvolvimento. A entrevista é, do mesmo modo que qualquer outra cena de interação, um processo de atividade dos participantes, “uma troca interpessoal, em que há uma coconstrução de significados” (Rollemberg, 2013, p. 40).

Ao lidar com tal perspectiva, assume-se que os papéis de entrevistador e entrevistado são construídos ao longo da interação. É claro que, ao entrar em cena, há expectativas dos participantes em jogo. Contudo, por falarmos da entrevista como um cenário de performances, tais identidades – a do entrevistado e a do entrevistador – são construídas localmente. Ali são performadas identidades, assim como ocorre em qualquer outro encontro social. Recorrendo, mais uma vez, às elaborações de De Finna e Perrino, compreendo que “as entrevistas são interacionalmente complexas e merecem ser estudadas assim como qualquer outro evento comunicativo” (2011, p. 7).

À vista disso, para o encontro com Ana, a primeira participante entrevistada, um roteiro com onze perguntas, algumas das quais não formuladas como interrogações diretas, foi construído. Obviamente, no decorrer de nossa interação, o roteiro sofreu alterações e, em alguns momentos, foi completamente esquecido como instrumento de trabalho. Isso ocorreria possivelmente mesmo se me orientasse por um modelo que lidasse com roteiros muito estruturados e com a obrigatoriedade da resposta a todas as questões planejadas. Em meu caso, essa não foi somente uma possibilidade como também uma previsão: eu já contava com a pouca rigidez, com a necessidade do imprevisto, das adaptações e dos escapes. Contava enfim com a atuação e com a potência do acaso:

(...) caberia aceitar essa incrível vertigem que somos, recuperando assim certas potências do acaso. Deixá-las soltas e, quem sabe, com elas redescobrir também a graça e o entusiasmo gratuito: esse arrebatamento não calculador, um arroubo ou uma energia vital que não se podem quantificar nem instrumentalizar (Sibilia, 2012, p. 190)

Foi abraçando o acaso e tentando lidar com ele de forma criativa que optei, para os outros três participantes, realizar entrevistas abertas com algumas poucas perguntas prontas que pudessem começar a conversa ou preencher possíveis silêncios advindos de esvaziamentos de tópico. Reformuladas internacionalmente, algumas dessas perguntas/solicitações eram: *como você se apresentaria a mim?*; *como foi sua infância?*; *fale um pouco sobre sua família; fale sobre seus anos de escola; como tem sido suas experiências no ensino superior?* etc. Eu possuía uma agenda: conhecer histórias dos participantes nas quais questões de gênero e sexualidade se tornassem relevantes. Não quis, num primeiro momento, fazer perguntas explicitamente relacionadas a tais questões. Quando os participantes não ressaltaram os pontos que mais me interessavam como pesquisador, incluí perguntas que os evidenciaram.

A crença em jogo era a de que desenvolver a entrevista o mais próximo possível de um enquadre de conversa informal favoreceria um ambiente amistoso no qual as histórias se construíssem mais facilmente. Contudo, sempre estive claro para mim que certas dinâmicas interacionais, estruturas de participação e expectativas dos participantes constroem entrevistas e conversas informais como enquadres distintos. Não procurei fingir que ali não acontecia uma entrevista. Estive sempre atento à minha agenda de trabalho, mas agi interacionalmente de tal modo que o encontro pudesse fluir de maneira pouco roteirizada. Ao invés de lidar com parâmetros como a espontaneidade e a naturalidade das interações, apostei, seguindo De Finna e Perrino, na percepção das “formas através das quais os entrevistados negociam sua relação com os entrevistadores” (2011, p. 7).

Somou-se ao material gravado a composição de um diário de pesquisa. Desde que o desenho do projeto iniciou seu esboço, mantive anotações a partir das quais tentei dar conta de observações feitas em meu cotidiano com os participantes e também de possíveis aspectos não captados pela ferramenta tecnológica de que dispunha para gravar as entrevistas, a saber, um gravador de voz. Usei também este instrumento como um espaço de reflexão livre sobre questões centrais da pesquisa e outras reflexões relacionadas direta ou indiretamente com os dados do trabalho.

Os registros desse diário estão documentados em diferentes cadernos e em documentos digitais. A dispersão das anotações foi-me, em um dado momento,

incômoda. Cheguei a iniciar a compilação de todas as anotações e reflexões em uma mesma brochura, colando folhas, imprimindo anotações feitas no computador etc. Em pouco tempo, percebi que, além de uma tarefa difícil de ser cumprida, seria também uma iniciativa que modificaria a composição original de alguns registros, feitos a partir de colagens de revista, desenhos pessoais, recortes de programa de congressos, espetáculos artísticos, entre outros materiais. Deixei-me levar pela fluidez e mantive meu diário disperso. Denzin e Lincoln, citando Howard S. Becker, tranquilizam meu ímpeto organizador e me deixam mais à vontade com a fragmentação de minhas notas:

Como *bricoleur* ou confeccionador de colchas, o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance (Becker, 1998, p. 2). Havendo necessidade de que novas ferramentas ou técnicas sejam inventadas ou reunidas, assim o pesquisador o fará (2006, p. 18)

Em alguns momentos da tese, como já se pôde perceber, trago para o texto fragmentos das anotações feitas no diário.

#### 4.4

#### **“Três camadas de observação”: organização da análise**

O trabalho analítico da tese se dimensiona a partir de três camadas de observação, aqui chamadas, seguindo proposta de Biar (2013), de lâminas de análise. São selecionados para a análise os fragmentos – aqui chamados de sequências – que melhor encaminham o trabalho argumentativo que proponho produzir. Em alguns momentos, reconstruo, com minhas palavras, alguns momentos da entrevista que não serão observados mais detalhadamente pelas lentes analíticas. Refiro-me às sequências que não estão transcritas; sempre que a elas me referir via discurso indireto, faço-o para que se possam melhor compreender os enredos das histórias de vida em questão.

Em relação à transcrição dos dados, entendendo essa tarefa como um “procedimento analítico interpretativo, sensível a todas as questões pertinentes a tal caráter” (Garcez, 2002, p. 84), sigo convenções adaptadas do modelo

desenvolvido por Gail Jefferson encontrado em Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974] 2003)<sup>12</sup>. Sua presença, no capítulo, identifica-se pela fonte *courier new*. Para apontar a materialidade dos dados, são feitas referências às linhas nas quais estão transcritos.

Um vocabulário informado pela tradição de estudos em Análise da Conversa Etnometodológica será utilizado com frequência no texto analítico. Destaco, nesse sentido, as noções de *turno* – “a fala de um participante da conversa, (...) um segmento [que] pode corresponder, de uma maneira geral, a unidades como sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais ou mesmo recursos prosódicos” (Freitas e Machado, 2008, p. 62) – e *tópico* – elemento que “corresponde à pergunta *sobre o que se fala?*” (Passuello e Ostermann, 2007, p. 245). Por fim, sobre as sequências é importante dizer que são incluídas no capítulo analítico seguindo a ordem em que apareceram nas entrevistas.

A primeira lâmina analítica refere-se à perspectiva do evento da entrevista que realizo com os participantes. Estou interessado, nesse nível de observação, nos movimentos que elaboramos conjunta e cooperativamente no momento da conversa que travamos. Nele, como já foi dito, são flagradas as construções e tensões de nossas performances. É central – mas não exclusivo – para a observação dessa camada dos dados os construtos de face e estigma.

Além da interação *in loco*, observarei como os participantes constroem sentidos identitários para si e para outros no que chamo de “mundo da narrativa”, a segunda lâmina de análise proposta. Darei especial atenção às histórias contadas pelos participantes, na tentativa de entender a sua estruturação e os significados identitários ali expressos. Para tanto, utilizarei os encaminhamentos analíticos propostos por William Labov, compartilhando das críticas relacionadas às suas limitações conforme explicitado no Capítulo 3.

Por fim, compondo o terceiro e último nível de análise, atentarei para a identificação de sentidos macrossociais percebidos nos encontros sob escrutínio. Proponho relacionar a dimensão local e situada com as redes de significado que permeiam as interações sociais a partir da noção de sistemas de coerência, segundo apresentação de Charlotte Linde. Em outras palavras, pretendo

---

<sup>12</sup> Um quadro-síntese com a indicação dos significados dos sinais de transcrição encontra-se na seção de anexos.

estabelecer diálogos entre a esfera microssocial com a dos macrodiscursos, entendendo essas duas instâncias não como dimensões estanques que agem de forma determinista uma sobre a outra, mas sim como necessariamente inter-relacionadas.

Essa proposição metodológica está inspirada no modelo apresentado por Biar, ao propor uma pesquisa com apenados de uma casa de detenção carioca. A autora defende que:

práticas interpretativas típicas de cada uma dessas tradições [os estudos sociais, a sociolinguística interacional, a análise de narrativa e os estudos discursivos] se sobreponham em um trabalho interpretativo em camadas – ou lâminas. (...) isso significa que diferentes peças de análise se complementarão em uma apresentação caleidoscópica de interpretação dos dados (2013, p. 9)

A divisão do olhar em três camadas é uma estratégia didática que pretende dar conta dos eventos em análise de forma mais completa e coerente com as proposições teóricas sociointeracionais. Contudo, não necessariamente, apresentarei no texto essas dimensões separadamente. Numa tentativa de dar conta da dinamicidade das interações observadas, movimento-me, às vezes, simultaneamente, pelas três lâminas analíticas. A opção por essa metodologia de análise me possibilita não perder de vista cada uma dessas camadas de observação. A chegada aos dados é feita separadamente. A tradução dessa chegada em forma de texto, às vezes, borra as fronteiras entre uma lâmina e outra.

Passemos às análises.